“Do empreendedor de si mesmo à medicalização da performance:

reflexões sobre a flexibilização no mundo do trabalho”

1. Contexto social e econômico

- O texto parte da análise de como o mundo do trabalho, nas últimas décadas, passou por profundas transformações impulsionadas pelo **neoliberalismo**, pela **financeirização da economia** e pela **fragilização do Estado**. Essas mudanças trouxeram novas formas de exploração e precarização do trabalho, como:
    - **Contratos temporários:** o trabalhador é contratado por um curto período, geralmente sem direito a férias, 13º ou estabilidade. Quando o prazo acaba, ele pode ser demitido facilmente.
    - **Uberização:** modelo de trabalho mediado por plataformas digitais (como Uber, iFood, 99), que tratam o trabalhador como “parceiro” autônomo, mas o próprio não tem carteira assinada nem direitos trabalhistas. Ele trabalha quando pode, mas não tem garantia de renda, repassando todos os riscos e custos a ele mesmo.
    - **Pejotização:** quando o trabalhador é obrigado a abrir uma empresa (pessoa jurídica) para continuar trabalhando, mas assim ele passa a emitir nota fiscal, e isso o leva a perder todos os direitos da CLT, como férias, FGTS e aposentadoria.

    - **Flexibilização:** quando as leis trabalhistas são “adaptadas” para facilitar a contratação e a demissão, deixando o empregador com mais poder e o trabalhador com menos proteção.
    - Tudo isso ocorre em um contexto onde o Estado deixa de proteger o trabalhador e o responsabiliza pelo próprio sucesso. Assim, surge o **discurso do empreendedorismo de si**, no qual cada indivíduo deve gerir a própria vida como se fosse uma empresa.
    - O discurso empreendedor desloca a culpa do fracasso do coletivo para o indivíduo (“se não deu certo, é porque você não se esforçou o bastante”).

No cotidiano:

- Jovens pressionados a ter múltiplas habilidades, falar vários idiomas, dominar tecnologias e ainda manter presença nas redes sociais.
- Frases comuns como “seja seu próprio chefe” ou “quem quer, dá um jeito” são expressões dessa mentalidade.
- A lógica do coaching, da autoajuda empresarial e do culto à “alta performance” reforçam essa cultura.

Essas práticas são justificadas como “liberdade de escolha”, mas na verdade transferem toda a responsabilidade para o indivíduo. Assim, se a pessoa não consegue emprego, o discurso dominante diz que é culpa dela — que não se esforçou o suficiente, não se atualizou ou não “empreendeu”. Sendo assim, O trabalho ficou mais instável e sem garantias. O Estado se afastou e o indivíduo passou a ser responsabilizado por tudo. Surge, então, o “empreendedor de si mesmo”, aquele que precisa gerir a própria vida como se fosse uma empresa.

2. Consequências subjetivas e sociais: essa nova forma de pensar o trabalho muda também como as pessoas se veem e se relacionam. O artigo explica que o neoliberalismo criou uma cultura da individualização, onde cada pessoa deve cuidar de si e competir com os outros o tempo todo.

- O trabalhador precisa ser produtivo, multifuncional, sempre disponível, e acima de tudo, bem-sucedido. E quem não acompanha esse ritmo é visto como fracassado. Além disso, as redes sociais reforçam essa lógica: nela o sucesso virou um espetáculo, e todos precisam mostrar uma imagem de vitória constante, mesmo quando estão cansados ou tristes.
- Nesse contexto, o texto cita o filósofo Guy Debord, que chamou isso de “sociedade do espetáculo”. Nela as pessoas valem pelo que aparentam ser, e não pelo que realmente são. Isso cria uma pressão psicológica enorme porque todo mundo precisa parecer feliz, bonito, produtivo e realizado.
- **Individualização extrema**: onde tem o desaparecimento de vínculos coletivos (sindicatos, mobilizações trabalhistas).
- **Alienação**: o trabalhador não se reconhece mais em seu trabalho nem em seus desejos, vivendo para atender apenas as demandas externas.
- **Meritocracia**: o sucesso é atribuído ao mérito pessoal, enquanto as desigualdades estruturais são ignoradas.

No cotidiano:

- A comparação constante em redes sociais (Instagram, TikTok) cria ansiedade e sensação de inadequação, mas muitas vezes essas pessoas que postam conquistas (faculdade, corpo, viagens, dinheiro) vivem ansiosas e exaustas tentando sustentar essa imagem que passam.
- O “burnout” virou fenômeno coletivo: excesso de trabalho, frustração e esgotamento psicológico.
- Essa situação também gera o que Karl Marx chamou de alienação, ou seja, quando o trabalhador perde o sentido do próprio trabalho e deixa de se reconhecer nele, trabalhando apenas para sobreviver sem prazer ou realização. Os profissionais vivem sob a pressão de nunca poder “parar”, pois o descanso é visto como “fracasso”.

3. Medicalização da performance: significa transformar algo que é social ou psicológico em um problema médico, tratado com medicamentos.

- Para manter-se produtivo e competitivo, muitos recorrem a fármacos: ansiolíticos e calmantes (para controlar ansiedade), antidepressivos, estimulantes (energéticos ou remédios para estudar por horas), polivitamínicos (para manter a energia).
- O cuidado com a saúde, antes direito, agora é um imperativo de produtividade.
- A felicidade se torna uma obrigação, quem não está sempre “bem” é visto como incapaz. - Se você não é feliz e produtivo, é porque “não está se esforçando o suficiente”.

No **cotidiano**:

- Estudantes usando estimulantes para provas, concursos e vestibulares.
- Profissionais tomando remédios para dormir ou “segurar a ansiedade”.
- Cultura fitness ligada à ideia de “corpo saudável como prova de disciplina e sucesso”.

A medicalização é a tentativa de corrigir com remédios o que é, na verdade, um problema social. As pessoas medicam a própria exaustão para continuar funcionando num sistema que exige performance constante.

4. Relações com a odontologia (curso e profissão)

- **Na graduação**:
    - Estudantes de odontologia vivem intensamente essa lógica da alta performance: provas difíceis, carga horária extensa, prática clínica exigente.
    - O medo de errar e o desejo de se destacar criam pressão psicológica constante.
    - Muitos recorrem a energéticos, café em excesso ou até medicamentos para lidar com a rotina.
    - A comparação com colegas (quem já domina mais técnicas, quem atende melhor) reforça a lógica da sociedade do espetáculo.
- **Na profissão**:
    - Odontologia é uma área fortemente marcada pelo empreendedorismo individual. Muitos dentistas precisam abrir consultórios, gerir equipes, atrair pacientes e manter-se competitivos no mercado.
    - A ideia do dentista como “empreendedor de si mesmo” se encaixa exatamente no fenômeno descrito no artigo.
    - Pressão por atualização constante (novos cursos, especializações, tecnologias digitais).
    - Forte presença da odontologia estética, muitas vezes associada à lógica de consumo e espetáculo: “sorriso perfeito” como sinônimo de sucesso.
    - Risco de medicalização do próprio profissional: uso de medicamentos para manter-se ativo, lidar com ansiedade de pacientes e com a sobrecarga do dia a dia.
    - Além disso, os próprios pacientes são influenciados por essa cultura — buscando procedimentos odontológicos para se adequar ao ideal de aparência e performance (clareamentos, lentes de contato).

5. Impactos e desafios: os autores afirmam que esse modelo de sociedade traz graves consequências:

- **Para os indivíduos**: ansiedade, frustração, sensação de fracasso, problemas de saúde mental e dependência de medicamentos.
- **Para a coletividade**: enfraquecimento dos vínculos sociais, as pessoas deixam de cooperar, se isolam e passam a competir entre si.

- **Na saúde coletiva**: aumento da medicalização, novos padrões de sofrimento e demandas nos serviços públicos de saúde.
- **Na odontologia**: risco de transformar o cuidado em mercadoria, e o paciente em consumidor que “compra sorrisos” em vez de saúde bucal integral.

Diante disso, o texto defende que é urgente revalorizar o coletivo, a solidariedade e o cuidado humano. Profissões da saúde — como a odontologia — precisam se lembrar de que o objetivo principal é promover o bem-estar e a dignidade das pessoas, e não apenas o lucro.

6. Reflexão final

O texto mostra que o empreendedor de si mesmo é, ao mesmo tempo, vítima e produto da lógica neoliberal, sendo vítima e produto do sistema.

Na odontologia, seja na formação ou no exercício profissional, esse modelo aparece com clareza: o estudante e o profissional são incentivados a vender uma imagem de sucesso, mesmo que isso custe a própria saúde mental.

Por isso, os autores alertam que é necessário repensar as relações de trabalho e de cuidado, para que a saúde não seja tratada como mercadoria, e sim como parte essencial da vida digna e coletiva.